

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

DAIANA BRAGA SANTOS

**O QUE APRENDI COM A EDUCAÇÃO COM PESSOAS IDOSAS:
Um mergulho no Programa de Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas**

**SÃO JOÃO DEL-REI-MG
DEZEMBRO DE 2023**

DAIANA BRAGA SANTOS

**O QUE APRENDI COM A EDUCAÇÃO COM PESSOAS IDOSAS:
Um mergulho no Programa de Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Departamento de Ciências da Educação Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito para formação no curso de graduação de Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica de Ávila Todaro

**SÃO JOÃO DEL-REI-MG
DEZEMBRO DE 2023**

DAIANA BRAGA SANTOS

**O QUE APRENDI COM A EDUCAÇÃO COM PESSOAS IDOSAS:
Um mergulho no Programa de Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas**

Banca examinadora:

**Profa. Dra. Mônica de Ávila Todaro– Orientadora
Universidade Federal de São João del-Rei**

**Profa. Dra. Maria Jaqueline de Grammont Machado de Araújo
Universidade Federal de São João del-Rei**

**SÃO JOÃO DEL-REI-MG
DEZEMBRO DE 2023**

DEDICATÓRIA

À todas aquelas pessoas que não puderam estudar na idade considerada correta pelos documentos legais, mas que não deixaram esse sonho morrer e em especial para a turma da Sala Paulo Freire, aos que já foram, Sr. Gilberto e dona Helena, e aos que permanecem.

AGRADECIMENTOS

Não serei uma educadora de um agir
tradicional.
Também não cantarei um mundo utópico.
Estou presa à vida e olho meus
companheiros.
Estão exaustos, mas nutrem grandes
esperanças.
Entre eles, admiro a enorme determinação.
O passado e o presente de muito trabalho,
não ignoremos.
Não nos deixemos desanimar, vamos de
mãos dadas.

Não serei educadora de um método ou de
fórmulas,
não direi o que decorar ou fazer, não sou a
única detentora de saberes,
não distribuirei respostas ou soluções,
construiremos juntos através do diálogo.
O diálogo é a minha matéria, sem ele não
há educação, não há aprendizado.

(Versão criada por mim, Daiana Braga Santos, do poema “Mãos dadas”, do autor Carlos Drummond de Andrade)

Por muito tempo pensei em como poderia agradecer a cada uma das pessoas que estiveram presentes e tornaram esse momento possível, mas me faltam palavras, sei que posso, e, provavelmente vou falhar em meus agradecimentos, mas o sentimento de gratidão é o que descreve melhor esse momento.

Aos meus educandos e educandas da Sala Paulo Freire: vocês não tem noção da importância de cada de vocês na minha trajetória, existia uma “Daiana” antes, que foi moldada por vocês, que aprendeu (e aprende) muito com vocês, essa “Daiana” de antes já não existe mais, ela foi transformada por vocês em uma educadora que acredita que é possível educar através do diálogo e respeito, que foi transformada em um ser humano melhor que caminha acreditando ser possível querer e fazer o bem ao próximo, e com vocês acredito ser possível me aproximar de algo dito por Paulo Freire em uma entrevista: “Sou capaz de querer bem, enormemente, a qualquer povo.” (FREIRE, 2021, p.80) Obrigada a todos e todas da Sala Paulo Freire, nesse tempo como professora voluntária, grande foi o meu aprendizado, vocês se tornaram minha família: Gratidão eterna!

Aos meus companheiros e companheiras de luta que acreditam na educação, sejam bolsistas ou voluntárias do Programa de Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas (PALPI), a cada dia durante todos esses anos como voluntária aprendo muito com vocês, sou fruto de vocês, vou pegando o melhor de cada um e trazendo para minha prática pedagógica. E que permaneçamos firmes em nossa luta, e que busquemos ser como Freire

em nosso dia a dia: “Ele não teve medo de entrar, ouvir ou confrontar o mundo e o revelar. No entanto, para fazer isso, é necessário grande humildade e um forte compromisso de respeitar a própria humanidade e a humanidade dos outros, bem como as qualidades sensíveis do mundo natural.” (FREIRE, 2021, p.52).

Maria Jaqueline de Grammont, ou simplesmente, Jaque, que felicidade a reencontrar em mais um momento importante da minha trajetória. Durante a graduação, mostrando que não podemos nos omitir, que precisamos nos posicionar e lutar contra as desigualdades que não são poucas, acreditando sempre na educação. É como disse Freire (2011, p.53) “O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser objeto, mas sujeito também da história.”. Além disso, você esteve presente em minha qualificação e defesa do mestrado, mostrando que para ser pesquisadora não preciso afastar-me da pesquisa, que é possível fazer pesquisa me assumindo, trazendo a “Daiana” para o texto, sendo necessário “narrar a vida e literaturizar a ciência” (ALVES, 2003, p.4). Obrigada por compartilhar comigo mais uma etapa importante!

Mônica de Ávila Todaro, o que falar de você ou para você, pois bem, vamos lá: no primeiro contato em 2018, quando a procurei para observar uma aula no PALPI, a primeira coisa que me pediu foi que lesse o livro “O que é Método Paulo Freire”, do autor Carlos Rodrigues Brandão. A princípio, achei exagerado, ler um livro para observar uma aula? Como assim? Depois compreendi o motivo, o PALPI tem um grande significado para você, a leitura daquele livro me orientaria na sala Paulo Freire, além disso, você me orientou quanto à minha presença na sala. Isso só refletiu o cuidado e dedicação com o PALPI. No ano seguinte, tive a oportunidade de estar com você em sala de aula na disciplina, Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao longo de tal disciplina, você se tornou a grande responsável pela minha paixão pela EJA, acho que foi a disciplina que mais me envolvi durante toda a graduação. Você me apresentou para a alfabetização com pessoas idosas e para a turma Paulo Freire. Sempre que precisei, você estava presente, me apoiando, orientando, aconselhando, não me deixando desanimar. Fiquei bem triste quando não foi minha orientadora do Mestrado, mas os planos de Deus são melhores e maiores que os nossos. Obrigada por me ajudar a concluir a Pedagogia com chave de ouro, podendo falar sobre um tema que tem sido uma das minhas maiores alegrias nos últimos anos. Obrigada por ser uma pessoa inspiradora em minha vida! Gratidão por me fazer acreditar na educação pública e de qualidade e que sempre é tempo para aprender.

Desejo que como educadora, eu possa ter o cuidado e carinho que você tem com o PALPI, que sejamos com Freire: “Ainda hoje, fico maravilhada com a maneira única como os olhos de Paulo brilhavam quando falava e sua maneira profundamente afetuosa. Ele fez as pessoas se sentirem fortes, inteligentes, apreciadas e bonitas.” (FREIRE, 2021, p. 67)

Não poderia finalizar sem agradecer aos meus companheiros da graduação que de alguma forma foram importantes durante a minha graduação, em especial, Sthefani Ortiz e Patrícia Correa, por sempre estarem ao meu lado e me mostrarem que precisamos ter nossas redes de apoio, por me ajudarem a acreditar em mim e principalmente, obrigada pela amizade que vou levar por toda a vida.

Obrigada aos professores e professoras da Pedagogia, à Universidade Federal de São João del-Rei e ao amigo Antônio Tibúrcio de Almeida, Toninho.

Eterna gratidão a todas e todos vocês e a Deus!

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo compreender alguns dos principais aprendizados quando se trabalha com a educação com pessoas idosas, que talvez possam ajudar futuros educadores em seu contato inicial com tal modalidade da educação. Para alcançar tal objetivo, a pesquisadora utilizou-se de sua experiência enquanto professora voluntária no Programa de Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas (PALPI), da Universidade Federal de São João del-Rei. Para isso, fez-se necessário utilizar a autoetnografia, método que permitiu utilizar a experiência da pesquisadora, sendo impossível separar seus sentimentos e experiências. Numa abordagem qualitativa, a pesquisadora/professora voluntária, a partir de suas memórias e anotações, produziu uma narrativa com algumas cenas de suas vivências. A partir da análise, foi possível perceber que: o trabalho é algo determinante na trajetória de seus estudantes; muitos deles tiveram que optar desde cedo entre o trabalho e o estudo; é recorrente o preconceito e o julgamento por estarem estudando; é habitual atribuírem a situação em que se encontram à vontade divina ou ao fatalismo; é necessário trabalhar o sentimento de pertencimento ao ambiente acadêmico entre os educandos. Concluiu-se que estar no PALPI, lidando com pessoas que não perdem a esperança e que, com coragem, seguem sua luta diária pelo direito de aprender a ler e escrever, é uma experiência de formação profissional e humana.

Palavras-chave: Educação; PALPI; Pessoas Idosas; Autoetnografia.

LISTA DE IMAGENS

Imagens 1 e 2 – Participação da Sala Paulo Freire na Roda de Conversa: Como é ser mulher na universidade?.....	22
Imagem 3 - Foto tirada no dia da entrega das camisas.....	23
Imagem 4 - Pesquisa realizada por um estudante do PALPI sobre a sigla LGBTQIA+....	23
Imagens 5 e 6- Reivindicações feitas por nossos estudantes em carta escrita aos administradores municipais	25
Imagem 7 e 8 - Participação da Sala Paulo Freire no lançamento de livros do autor Walter Kohan	26
Imagens 9 e 10 - Participação da Sala Paulo Freire na Sessão comentada no Documentário Vó.....	27
Imagem 11- Entrega das camisas.....	27
Imagens 12 e 13 - Participação da Sala Paulo Freire na entrega da Medalha Tancredo de Almeida Neves na Câmara Municipal de São João del- Rei.....	28
Imagem 14 - Participação da Sala Paulo Freire na caminhada em defesa da educação pública.....	28
Imagem 15 - Participação da Sala Paulo Freire no II JURA (Jornada Universitária pela Reforma Agrária): Aula com Maria Zoronga sobre agroecologia e plantas medicinais.	28
Imagens 16 e 17 - Educandas na lousa.....	29
Imagens 18 e 19 - Educandas na lousa.....	29
Imagens 20 e 21 - Educandas na lousa.....	30
Imagem 22 - Educando na lousa.....	30
Imagem 23 - Lousa escrita pelos educandos.....	30
Imagens 24 e 25 – Turma da Sala Paulo Freire e convidados após a apresentação dessa pesquisa.....	31
Imagem 26 - Momento antes da apresentação dessa pesquisa.....	32
Imagens 27 e 28 – Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso.....	34

SUMÁRIO

1 MEU ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO COM PESSOAS IDOSAS.....	11
2 A EDUCAÇÃO POPULAR E O PALPI.....	15
3 METODOLOGIA	18
4 COMPREENDENDO A NARRATIVA.....	20
4.1 Ser educadora no PALPI.....	21
5 ANÁLISE.....	25
5.1 O trabalho.....	25
5.2 Preconceito e Etarismo.....	25
5.3 Fatalismo ou vontade divina.....	27
5.4 Sentimento de pertencimento.....	27
5.5 Esperançar.....	28
6 BREVES CONSIDERAÇÕES.....	29
7 REFERÊNCIAS.....	35

1 MEU ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO COM PESSOAS IDOSAS

Minha jornada educacional com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) começou em 2018 com a disciplina de Didática ministrada pela professora Paula Cristina David Guimarães, na qual cada grupo de estudantes tinha que apresentar um trabalho sobre uma modalidade da educação, sendo que o tema do meu grupo foi sobre EJA. Tivemos a oportunidade de acompanhar duas turmas bem distintas em relação ao ensinar e que em mim deixaram marcas opostas.

A primeira turma que conheci foi de uma escola municipal localizada no centro de São João del-Rei. Foi uma experiência que me levou a conclusão que não queria atuar na EJA, acredito que foi devido a maneira como eram ensinados os conteúdos, na qual o docente ocupava lugar central no aprendizado, o material didático, ao meu parecer, inapropriado.

Além dessa turma, pude observar uma aula no Programa de Alfabetização e Letramento com pessoas idosas (PALPI) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). No entanto, antes de iniciar a observação dessa turma, tive que me encontrar com a coordenadora do programa, Mônica de Ávila Todaro que me orientou, além de indicar a leitura do livro do autor Carlos Rodrigues Brandão, *O que é Método Paulo Freire*. A partir da observação de uma aula do PALPI, percebi que a EJA era o meu lugar, que minha experiência anterior não havia sido exitosa, porque não enxergava como o ensino tradicional poderia levar ao aprendizado, porém, o PALPI me mostrou que o aprendizado poderia ocorrer a partir do diálogo, no qual coletivamente o saber era construído, e que o método freiriano era o caminho. Prontamente, quis atuar como voluntária no PALPI, mas era requisito ter cursado a disciplina de EJA.

No primeiro semestre de 2019, cursei a disciplina Educação de Jovens e Adultos e ao final do semestre entrei como voluntária no PALPI, no qual permaneço até o presente momento. E tem sido através desse programa que posso afirmar que me formei enquanto ser humano, pois a graduação da Pedagogia possibilitou a minha formação enquanto pedagoga, mas a minha experiência no PALPI me fez acreditar na educação, que ela é possível, que a partir dela podemos fazer a diferença na vida de nossas/nossos educandas/educandos, diferença que percebo no que aprendo com essa turma e, sobretudo de que sempre é tempo para aprender.

2 A EDUCAÇÃO POPULAR E O PALPI

Agora, o senhor chega e pergunta: “Ciço, o que que é educação?” Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: “Educação”. Daí eu falo: “Educação”. A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: “Educação”. Mas então eu pergunto pro senhor: “É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?” Aí eu digo: “Não”. Eu digo pro senhor desse jeito: “Não, não é”. Eu penso que não.

Educação... quando o senhor chega e diz “educação”, vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o lugar da vida dum pobre, como tem gente que diz. (BRANDÃO, 1984, p.1)

O que é educação? O trecho acima nos faz refletir o que seja a educação, para Ciço há uma diferença nítida entre a educação para ele e para quem o questiona. Em outra parte do mesmo texto, Ciço diz “A educação que chega pro senhor é a sua, da sua gente, é pros usos do seu mundo. Agora, a minha educação é a sua. Ela tem o saber de sua gente e ela serve pra que mundo? Não é assim mesmo?” (BRANDÃO, 1984, p. 2)

Os questionamentos levantados no texto, nos levam a refletir sobre a educação, que ela não deve ser imposta, que os conhecimentos não devem ser transferidos de determinado grupo a outro, pelo contrário, ela deve ser construída coletivamente pelo povo, com o povo e para o povo, na luta pela superação das desigualdades sociais.

Segundo os Cadernos de Formação (2015), elaborado pelo Instituto Paulo Freire, pode-se dizer que a Educação Popular passou por três momentos diferentes: o primeiro, estaria relacionado ao acesso do ensino fundamental para todos, o que era um privilégio apenas da elite e que aconteceu até 1950; o segundo momento, aconteceu até os anos 1980, ligado a Educação de Adultos das classes populares e o último momento, que é compreendido “pelos movimentos sociais e populares mais como uma concepção de educação que deve ser estendida ao conjunto dos sistemas educacionais do que apenas uma prática vinculada a projetos de Educação de Jovens e Adultos (EJA).” (CADERNOS DE EDUCAÇÃO, 2015, p.14)

Dessa forma, a Educação Popular pode ser compreendida como:

um grande conjunto de teorias e de práticas que tem em comum, nas diversas partes do mundo, o compromisso com os mais pobres, com a emancipação humana. São perspectivas razoáveis, sérias, fundamentadas, cotejadas constantemente com a dureza das condições concretas em que vive a maioria da população. Todas elas refletem a recusa de uma educação domesticadora ou que, simplesmente, não se coloca a questão de que educação precisamos para o país que queremos. (CADERNOS DE FORMAÇÃO, 2015, p.14)

É essa a educação que Ciço questiona ao final do texto:

Agora, o senhor chega e diz: “Ciço, e uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?” Esse eu queria ver explicado. O senhor fala: “Eu tô falando duma educação pro povo mesmo, um tipo duma educação dele,

assim, assim”. Essa eu queria saber como é. Tem? Aí o senhor diz que isso ‘bem podia ser feito; tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí eu pergunto. “Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem?” (BRANDÃO, 1984, p.3)

Um Educação Popular que seja capaz de elevar a qualidade de vida dos indivíduos excluídos, que oferte uma educação que institua neles “a plenitude da pessoa cidadã”, que trabalhe em prol da construção da autonomia desses indivíduos oprimidos, que seja “um movimento de trabalho político com as classes populares por meio da educação” (BRANDÃO, ASSUMPCÃO, 2009, p. 27) e sobretudo, um processo de luta para construir o saber popular. (BRANDÃO; ASSUMPCÃO, 2009)

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) sobre Educação, no ano de 2022, havia 9,6 milhões de pessoas analfabetas, com 15 anos ou mais de idade, em nosso país, o equivalente a uma taxa de 5,6% da população. Além disso, esse percentual é mais acentuado entre as pessoas idosas. (IBGE, 2022a)

Nota-se que, no Brasil, o analfabetismo está diretamente associado à idade. Quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Em 2022, eram 5,2 milhões de analfabetos com 60 anos ou mais, o que equivale a uma taxa de analfabetismo de 16,0% para esse grupo etário. Ao incluir, gradualmente, os grupos etários mais novos, observa-se queda no analfabetismo: para 9,8% entre as pessoas com 40 anos ou mais, 6,8% entre aquelas com 25 anos ou mais e 5,6% entre a população de 15 anos ou mais. Esses resultados indicam que as gerações mais novas estão tendo um maior acesso à educação e sendo alfabetizadas ainda enquanto crianças. Por outro lado, os analfabetos continuam concentrados entre os mais velhos. (IBGE, 2022a, p. 2)

De acordo com os indicadores, as pessoas mais novas têm maior acesso à educação do que à população idosa. De acordo com o Estatuto do Idoso, a pessoa é considerada idosa a partir dos 60 anos de idade e a educação é um direito dessa população, sendo obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público. (BRASIL, 2003)

Segundo o Censo realizado em 2022, no Brasil, a população com 65 anos ou mais totalizou 22.169.101 indivíduos, o que representa 10,9 % da população, sendo as regiões Sul e Sudeste com mais pessoas idosas no país. (GOMES; BRITO, 2023) “O envelhecimento populacional no Brasil vem aumentando ao longo dos últimos anos. Esse fenômeno decorre por influência de diversos fatores, como melhoria na qualidade de vida das pessoas, queda de fecundidade, mortalidade e controle de natalidade.” (TODARO; FIRMINO, 2020, P.18) E o que tem sido feito para garantir o direito à educação da pessoa idosa?

Na cidade mineira de São João del-Rei poucos são os espaços destinados a alfabetização desse público, possuindo 8000 pessoas analfabetas, de acordo com o Censo

de 2010. (TODARO; FIRMINO, 2020). Localizada no Campos das Vertentes, fundada no final do século XVII por Tomé Portes Del Rei, conhecida nacionalmente pelas festas tradicionais religiosas e pela Semana Santa, a cidade conta com várias igrejas com estilo barroco. (OLIVEIRA; JANUÁRIO, 2007) cuja área do município é de 1.452,002 km², contando com uma população de 90.225 pessoas. (IBGE, 2022b)

Apesar da área territorial do município, existem poucos espaços educacionais voltados para o público idoso. Dentre tais espaços, há a EJA na Escola Municipal Maria Teresa ofertada no período da noite e o Programa de Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas (PALPI), da Universidade Federal de São João del-Rei.

O PALPI foi criado em 2017 como projeto de extensão, e no ano seguinte passou a funcionar enquanto programa de extensão. Coordenado pela professora Mônica de Ávila Todaro, conta com a participação de estudantes da Pedagogia “que aprendem a ser professoras, ensinando a ler e a escrever, ao mesmo tempo em que desenvolvem pesquisas sobre o tema” (TODARO, 2021, p.163), além de utilizar o Método de ensino desenvolvido pelo educador Paulo Freire.

Optamos pelo método/sistema de alfabetização desenvolvido por Paulo Freire porque o mesmo estimula a alfabetização mediante a discussão de suas experiências de vida, através de palavras presentes na realidade dos educandos, que são decodificadas para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo. Desse modo, o método de alfabetização Freiriano proporciona aos educandos a conscientização para a libertação das amarras e alienações sociais. (TODARO; FIRMINO, 2020, p.18)

A partir da alfabetização e letramento com pessoas idosas, o PALPI busca oferecer educação para as pessoas que tiveram o direito à educação negado de alguma forma, pessoas essas pertencentes as classes populares do município.

Quando falo de educação popular, é que tento que esta educação popular esteja, primeiro, a serviço dos grupos populares ou dos interesses dos grupos populares, sem que isto signifique a negação dos direitos dos grupos das elites. Não estou dizendo que devemos matar as crianças ricas, nem negar-lhes educação. Não, não é isto. Mas o grande objetivo da educação popular está exatamente em atender aos interesses das classes populares que, há 500 anos, estão sendo negados. (FREIRE, 1996, p.74 *apud* TODARO, FIRMINO, 2020, p.18)

O PALPI inspirado na metodologia de Paulo Freire propõe uma Educação Popular voltada aos grupos populares que não tiveram a oportunidade de estudar ou tiveram que abandonar os estudos. Uma educação do povo, para o povo e com o povo. Mas, o que seria esse método?

Em 1963, aconteceu uma experiência de alfabetização de adultos sob os ensinamentos e orientações de Paulo Freire, no município de Angicos, pertencente ao estado do Rio Grande do Norte, na qual resultou na alfabetização de 300 angicanos, a partir de 40 horas de aula. O método utilizado em Angicos consistia, inicialmente, em uma conversa com a comunidade, no qual eram coletadas as palavras e frases, que seriam utilizadas nas outras etapas de alfabetização e na criação da ficha de cultura que seria trabalhada “audiovisivelmente” em sala de aula. (GADOTTI, 2014).

A metodologia de Freire não utilizava cartilhas e/ou materiais prontos, pelo contrário, era construída a partir do “diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, não poderia começar com o educador trazendo pronto, do seu mundo, do seu saber, o seu *método* e o *material da fala* dele.” (BRANDÃO, 2006, p.9) No entanto, a metodologia de Freire não deve ser vista como um manual com regras impondo uma única forma de fazer, pois “de uma situação para outra, de um tempo para outro, sempre é possível criar sobre o método, inovar instrumentos e procedimentos de trabalho” (BRANDÃO, 2006, p. 13)

A partir da experiência de Freire em Angicos e da minha experiência enquanto voluntária no PALPI, a presente pesquisa tem por objetivo compreender alguns dos principais aprendizados quando trabalhamos com a educação com pessoas idosas. Esse tema surgiu a partir da retrospectiva sobre o meu contato inicial com a EJA, sobre a indagação do que eu deveria saber para me tornar educadora, ou melhor ainda, quais os saberes necessários quando trabalhamos com a educação com pessoas idosas. Lembrando que essa pesquisa não é um guia sobre o que fazer ou ensinar, pelo contrário, a partir da experiência trazer alguns saberes/aprendizados necessários para a prática docente, que talvez possam ajudar futuros educadores em seu contato inicial com tal modalidade da educação, saberes esses amparados pelos ensinamentos de Paulo Freire. A relevância da pesquisa está em destacar a importância da prática durante a graduação.

Ao longo de minha pesquisa optarei pela substituição da expressão Educação de Jovens e Adultos (EJA) pela expressão Educação com pessoas idosas, porque “ensinar é uma especificidade humana” (FREIRE, 2011, p.89), que não é dada ou depositada de alguém portador de saberes para outro alguém que não possui tal conhecimento, pois não podemos conceber a educação *de* um indivíduo, e sim, aprender que a educação libertadora acontece entre indivíduos que dialogam e compartilham saberes, que ela não é dada ao outro e sim, construída *com* ela/ele, “enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade.” (FREIRE, 1975, p.32). “Daí que tal

forma de educação implique na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos.” (FREIRE, 1975, p.67)

A presente pesquisa, que constitui o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Pedagogia, está estruturada da seguinte maneira: (1) *Meu encontro com a educação com pessoas idosas* e (2) *A Educação Popular e o PALPI*, ambos já apresentados; (3) *Metodologia*, na qual é apresentada a pesquisa; (4) *Compreendendo a narrativa*, breve explicação sobre a narrativa; (4.1) *Ser educadora no PALPI*, narrativa sobre a minha vivência enquanto educadora; (5) *Análise*, parte em que a narrativa é analisada a partir de cinco tópicos; (5.1) *O trabalho*; (5.2) *Preconceito e Etarismo*; (5.3) *Fatalismo ou vontade divina*; (5.4) *Sentimento de pertencimento*; (5.5) *Esperançar*; (6) *Breves considerações*, as quais apresentam alguns dos aprendizados proporcionados e (7) *Referências*.

3 METODOLOGIA

A minha pesquisa cujo objetivo principal foi compreender alguns dos principais aprendizados quando trabalhamos com a educação com pessoas idosas, trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual como professora voluntária no PALPI, totalmente envolvida na realidade pesquisada, na qual meus sentimentos e experiências “são incorporados à história e considerados como ‘dados vitais’ para a compreensão do mundo social que está sendo observado” (SANTOS, 2017, p. 223), sendo impossível separar a pesquisadora da professora, faz-se necessário conhecer a autoetnografia. E segundo Santos (2017, p.219):

o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido etc.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços.

Pensando em como trazer a minha experiência enquanto professora voluntária no PALPI, foi produzida uma narrativa na qual a partir de minhas vivências, memória e anotações feitas durante o período como voluntária, resgato um pouco dos aprendizados construídos no cotidiano.

O PALPI iniciou suas atividades enquanto projeto em 2017 e no ano seguinte passou a ser um programa de extensão da UFSJ, é uma oportunidade para que graduandos da Pedagogia possam conhecer na prática o que é ser educadora/educador, além de poderem desenvolver pesquisas na área. O PALPI possui como sede a sala 1.47 da UFSJ, Campus Dom Bosco, conhecida como Sala Paulo Freire, no qual atualmente conta com duas turmas, a primeira de 16 horas até 17 horas e 30 minutos e a segunda turma de 17 horas e 30 minutos até às 19 horas. O público alvo do programa são pessoas idosas, que não puderam estudar ou concluir seus estudos, no entanto, dentre os estudantes matriculados temos exceções, pois apesar do intuito do programa ser destinado a pessoas com mais de 60 anos, visto que São João del-Rei possui uma “parcela significativa de pessoas idosas que foram alijadas do processo de escolarização” (TODARO, 2021, p.163), o PALPI não poderia negar esse direito as demais pessoas que não puderam se alfabetizar no tempo considerado correto pelos documentos legais, ainda mais, que segundo Todaro (2021, p.163) existem “poucos espaços na cidade destinados a alfabetizar

idosos.” Atualmente, o PALPI conta com dois bolsistas e cinco voluntárias. As aulas desenvolvidas na Sala Paulo Freire utilizam fichas e círculos de cultura, tendo como base os ensinamentos do patrono da educação brasileira, Paulo Freire.

4 COMPREENDENDO A NARRATIVA

Antes de me assumir enquanto pesquisadora, sou educadora de uma turma de alfabetização e letramento com pessoas idosas e uma das minhas maiores preocupações em sala de aula é que o diálogo aconteça pautado no respeito ao outro e à sua identidade, que todos possam se expressar e que também aprendam a escutar, pois acredito que a educação só é possível a partir do diálogo. No entanto, para que o diálogo aconteça, é necessário que encontremos novas formas de nos comunicar e sobre isso Alves (2003, p.3) nos diz que “é indispensável uma nova maneira de escrever para chegar a todos a que precisamos falar, em especial os próprios praticantes dos cotidianos, para lhes dizer o que vamos compreendendo ao estudar, com eles, suas ações e seus conhecimentos”, a autora ainda diz que precisamos “trabalhar os sentimentos” (ALVES, 2003, p.6)

Sendo assim, escrevi uma narrativa trazendo um pouco da minha vivência enquanto educadora voluntária no PALPI desde 2019, tentando dialogar com uma adaptação que fiz do poema “Eu, etiqueta” do autor Carlos Drummond de Andrade, lembrando que ao longo da narrativa não utilizei o nome das minhas educandas e dos meus educandos, para preservar a identidade deles. O uso do poema e da narrativa foram estratégias para trabalhar os sentimentos dos meus leitores e aproximá-los da minha pesquisa.

4.1 Ser educadora no PALPI

Em meu documento está escrito um nome
que é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Minha assinatura é minha digital
que não aprendi a escrever.
Em meu corpo, a marca do
trabalho
que deixa vestígios, até os dias atuais.
Minhas mãos almejam o lápis
que nunca experimentei
mas são comunicados aos meus calos.
Meu sonho é aprender a ler e escrever
isso foi coisa não provada
por este senhor de longa idade.
Meu nome, o da esposa, o dos meus filhos,
meu dia a dia, o ônibus que pego,
a placa na rua e os folhetos da igreja,
contas,
meu remédio, minha receita,
minha vida e o meu redor,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça aos pés,
são mensagens,
letras silenciosas,
gritos inaudíveis,
ordens do que ser e fazer
e fazem de mim mais um dentre a multidão,
escravo da leitura alheia.
Estou, estou no fim?

É triste estar no fim, ainda que a vida
seja longa pela frente,
aprender a ler e escrever, hei de saber.
Enfrentando
todos os preconceitos
todas as dificuldades.
Com a coragem, demito-me de não saber
eu que sempre fui
tão determinado, tão trabalhador,
tão sofrido e tão batalhador,
ser pensante, sentidor e solidário,
pai e filho de alguém.
Agora nada vai me parar,
já criei os meus filhos,
todos puderam estudar
falo disto com orgulho, tiro glória
da minha anulação.
Não sou - vê lá – o homem das letras.
Mas, eu vou aprender
leve o tempo que levar
meu nome vou assinar
e bem à vista exibo meu caderno, lápis e
borracha.
E no corpo levo as marcas de alguém que teve
que trabalhar
para o pão de cada dia não faltar.
(Versão criada por mim, Daiana Braga Santos,
do poema “Eu, etiqueta”, do autor Carlos
Drummond de Andrade)

Desde 2019, atuo como professora voluntária na Sala Paulo Freire, diversas foram as experiências, os momentos compartilhados, os segredos, as brincadeiras, o abraço acolhedor, cada estudante deixou aprendizados que essa professora levará por toda a vida.

Certa vez, em uma das aulas trabalhávamos uma ficha de cultura relacionada com a música, a professora bolsista perguntou a cada um dos estudantes qual o tipo de música que gostava de ouvir e/ou dançar, o último aluno a responder estava sentado ao meu lado e disse que nunca teve tempo para isso, que a vida dele foi trabalhar para criar os filhos. Esse aluno queria aprender a ler e escrever para poder enviar uma carta para o filho que havia se mudado para outro país.

Havia uma senhora que sempre quando chegava tinha que abraçar e beijar todos as pessoas que estavam na sala, quase não faltava, estava desde o início do programa, e até fez parte da EJA, anterior ao PALPI. Tive que aprender a lidar com a sua ausência, depois que faleceu. A turma toda fez questão de ir ao seu velório para a última despedida.

Uma das coisas que mais me doem em sala é quando ouço os relatos de meus estudantes sobre o que já viveram e vivem, as humilhações que sofreram, o preconceito por estarem na universidade ao invés de estarem em casa, trabalhando, descansando ou

vendo televisão, ou que na sua idade não deveria estar ali. E muitos desses relatos trazem a família como a causadora desse sofrimento. Tenho o costume de anotar as frases que dizem e que me causam algum sentimento, como: “A gente que não sabe ler é muito humilhado, a gente sente.”; “A pessoa passa do seu lado e não te enxerga.”; “Cada um traz consigo sua própria sina.”; “Somente eu e Deus sabe o que eu passei.”; “O idoso tem data de validade.” e “A pessoa nasce criança, a pessoa morre criança.”

Quando conversamos sobre os motivos de estarem ali e o que os motiva a aprender mesmo depois de um dia cansativo de trabalho (sim, muitos de nossos estudantes trabalham o dia todo, seja com faxina, na casa de alguém ou até mesmo cuidando dos netos). As respostas são as mais variadas: querem aprender a ler e escrever, porque faz falta e tudo ao nosso redor exige isso como o mínimo; para escreverem cartas e não precisarem da ajuda em algo tão particular; não depender e não atrapalhar os outros e ser mais independentes (como, poder viajar sozinho para novos lugares); não passar vergonha nos lugares ou quando vai pegar um ônibus; para aprender mais ou distrair a cabeça; ler os folhetos da igreja ou a bíblia; fazer um curso depois, como culinária, ou para “ser pessoa grande”, costumam relacionar o saber acadêmico como o único válido, como se eles nada soubessem.

Em uma de nossas aulas, um dos nossos estudantes disse que estudou por dois anos em uma escola de nosso município, mas não aprendeu a ler e escrever e que mesmo assim recebeu o diploma. Ele levou o certificado emitido pela escola afirmando que ele tinha concluído o Ensino Fundamental podendo se matricular no Ensino Médio. Segundo esse aluno, ele estava aprendendo mais com nossa turma, questionei se ele sabia que não fornecíamos diploma, ele respondeu que sabia disso, que o importante era o conhecimento.

“Minha mãe me ensinou a arrumar casa, cozinhar e trabalhar, mas não me ensinou a estudar”: essa frase foi dita por uma das estudantes quando foi explicar o motivo de não ter estudado na infância, me marcou profundamente e traz o trabalho precoce como uma das causas por não ter estudado. Outra aluna revela para a turma que a diretora da escola que estudava a tirou da sala sem explicar o motivo e depois disso nunca mais voltou, um dos nossos estudantes falou que deveria ser por racismo. Dentre as principais causas, está o fato de terem que trabalhar desde cedo, ajudando no sustento da família, a opção que tinham era comer ou estudar.

Uma coisa que não podemos esquecer é que nossos educandos têm uma vida fora da sala de aula, com preocupações (como trabalho, família, saúde, contas, alimentação,

dentre outras), além dos próprios sentimentos que têm que lidar (amor, raiva, frustração, amizade, inimizade, ciúmes...). Aprendemos a observar os sinais: quando um estudante boceja durante a aula toda, quando trabalha pesado o dia todo (“Trabalho não é fácil para ninguém”, frase dita em sala), quando estão preocupados ou tristes com algo, o semblante diz muito, ou quando ficam mais calados...

E tem muita força em suas trajetórias, o fato de estarem estudando mostra que é sempre tempo de aprender, evidencia a determinação e força de vontade: “Eu tiro por mim, com muita força e determinação, eu cheguei onde estou hoje.”; “A gente planta com fé de que vai nascer algo”; “Eu ainda vou formar.” e “Eu sempre tive essa curiosidade de perguntar.”

Algo que tenho tentado mudar é o pensamento de “ser pessoa grande”, como se o único conhecimento válido fosse o acadêmico, pelo contrário sempre que posso reforço com eles que não estou ali para ensinar nada, que todo o conhecimento é construído no compartilhamento e no diálogo, na troca de saberes e que não há saber mais importante que o outro. Além disso, acho importante eles se reconhecerem como parte da universidade, não é porque não fazem um curso superior que não são parte da UFSJ. Considero enriquecedor quando eles participam dos diferentes eventos e espaços universitários e constroem dentro de si o sentimento de pertencimento: teatros, palestras, documentários, lançamentos de livros, rodas de conversas, entre outros...

Imagens 1 e 2: Participação da Sala Paulo Freire na Roda de Conversa: Como é ser mulher na universidade?



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A camisa da UFSJ fornecida pela coordenadora do PALPI também tem ajudado a construir esse sentimento de pertencimento, é satisfatório quando me contam que alguém perguntou se estudam na faculdade e eles afirmam.

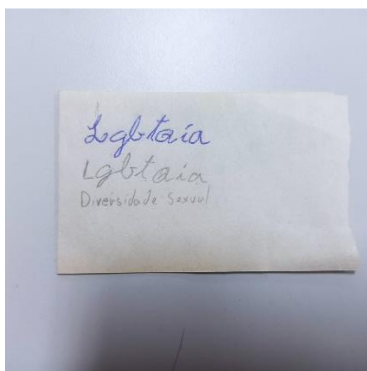
Imagem 3: Foto tirada no dia da entrega das camisas aos estudantes



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Certa vez trabalhamos uma ficha de cultura com a temática LGBTQIA+, solicitamos que a turma pesquisasse o significado dessa sigla. No dia seguinte, um de nossos educandos trouxe um pedaço de papel com o que pesquisou, ele havia pedido ajuda a um estudante no pátio da universidade. Como educadora me senti orgulhosa, pela interação dele com um estudante da faculdade.

Imagem 4: Pesquisa realizada por um estudante do PALPI sobre a sigla LGBTQIA+



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Ser educadora no PALPI é entender que a educação só é possível através do diálogo, do respeito ao outro e à sua história de vida, é saber escutar e também falar, mas sobretudo, é criar um vínculo tão forte que a Sala Paulo Freire deixa de ser uma sala da universidade e passa a ser um espaço potente de muito compartilhamento e construção, é entender que a vida dos estudantes é muito além do que a sala de aula, eles têm uma casa e família para cuidar e sustentar.

5 ANÁLISE

Ao analisar a narrativa foi necessário organizá-la a partir de seis tópicos: (1) O trabalho, (2) Preconceito e Etarismo, (3) Fatalismo ou vontade divina, (4) Sentimento de pertencimento e (5) Esperançar.

5.1 O trabalho

Ao analisarmos a narrativa, um dos aspectos que mais chamam a atenção é em relação ao trabalho, muitos dos estudantes trabalharam desde a infância, tendo que optar por se alimentar ou estudar, e tem aqueles que ainda trabalham com serviços pesados, como faxina. Ser trabalhador, e ter o trabalho presente em sua vida desde a infância, é uma condição que já faz parte da identidade desses estudantes, Arroyo (2017, p.4) afirma que:

Suas experiências, desde a infância, têm o trabalho, o sem-trabalho, o ganhar a vida, o sobreviver como uma constante. Como uma condição de classe, de raça. Ganhar a vida, fugir da morte. Bem cedo, na infância, aprendem-se membros da classe trabalhadora empobrecida. Explorada desde a infância (ARROYO, 2011). Sendo essa condição de trabalhadores tão determinante em suas vidas desde crianças e até nas tentativas de voltar a estudar, por que não é mais destacada?

Arroyo (2017) afirma que o trabalho chega às escolas através dos “corpos” dos estudantes, em seus corpos percebemos os sinais que trazem: cansaço, sono, fome, dores, angústias..., assim como no poema adaptado antes da narrativa: *Em meu corpo, a marca do trabalho que deixa vestígios, até os dias atuais.*

Como educadora, preciso entender que antes de serem estudantes dentro de uma sala de aula, eles são trabalhadores e que isto não pode ser ignorado. Muitos deles não aguentariam ter que ficar quatro horas sentados dentro de uma sala como acontece nas escolas, até mesmo uma hora e meia de aula, a depender do dia e da condição do estudante, é uma dificuldade.

5.2 Preconceito e Etarismo

A gente que não saber ler é muito humilhado, a gente sente: essa frase dita por uma de nossas estudantes enfatiza o que passam em seu dia a dia, as humilhações e julgamentos, ou como são ignorados pela sociedade: *A pessoa passa do seu lado e não te enxerga.*

Essas pessoas ouvem a vida inteira que o saber produzido nas escolas e universidades é o único válido, que não sabem nada, que acreditam ser incapazes, tanto

que almejam *ser pessoa grande*, desconsiderando os seus saberes e reconhecendo apenas como válido o saber do “doutor”:

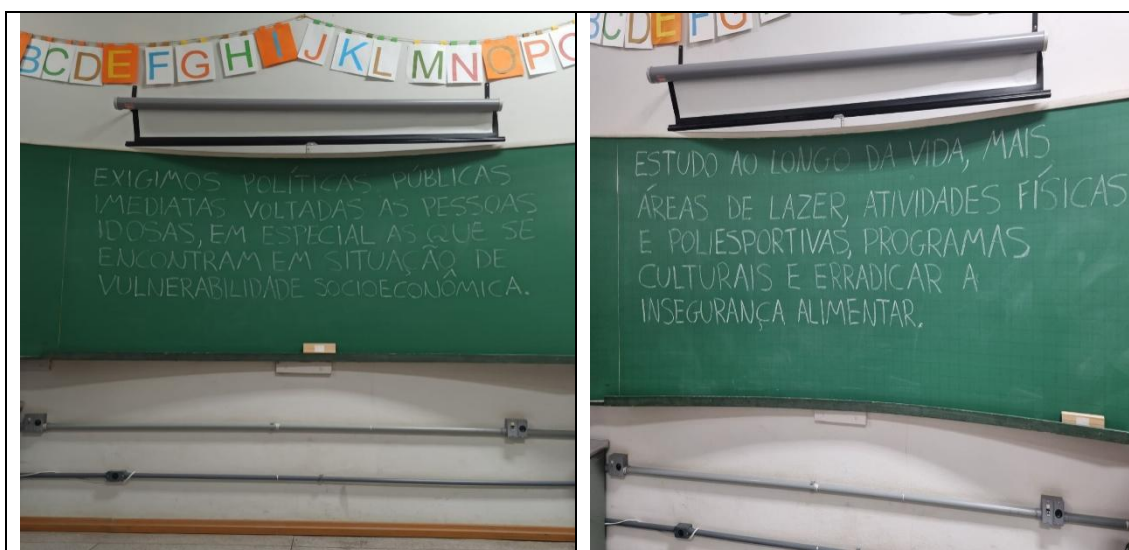
De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. (FREIRE, 1975, p.54)

Como educadora tenho tentado desconstruir essa visão de que não sabem nada, como se apenas nós, os educadores, é que sabemos. Sempre reforço que em nossa sala todo conhecimento é válido, de que lá ninguém ensina ninguém, nós construímos juntos, até mesmo a nossa ficha de cultura vem da turma e das demandas que trazem.

Além disso, percebemos que os estudantes relatam que sofrem preconceito por estarem na universidade, que na idade deles não deveriam estar em tal ambiente que deveriam estar em casa ou ouvimos a frase *O idoso tem data de validade*. E, esse preconceito, como observado, parte muitas vezes da própria família: “o preconceito etário, no Brasil, ocorre nas famílias, nos órgãos governamentais, no sistema de saúde, nos mercados de trabalho assalariado e em toda a mídia.” (GOLDANI, 2010, p.413)

Eu me questiono se todos os seres humanos não têm data de validade, acredito que a validade acaba quando morremos e que enquanto estivermos vivos e com curiosidade sempre é possível aprender: *Eu sempre tive essa curiosidade de perguntar*. É como afirmou Freire “[...] com as perguntas a gente enriquece mais.” (FREIRE, 2003, p. 40 *apud* TODARO, 2021, p.159)

Imagens 5 e 6: Reivindicações feitas por nossos estudantes em carta escrita aos administradores municipais



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

5.3 Fatalismo ou vontade divina

Além disso, muitas vezes atribuem as dificuldades que passam em suas vidas como se fosse uma vontade divina ou o poder do destino, como se fosse uma fatalidade, Freire (1975, p. 52) afirma que quase sempre esse “fatalismo está referido ao poder do destino ou da sina ou do fado – potências irremovíveis – ou a uma destorcida visão de Deus.”

Isso acontece devido ao desconhecimento das situações concretas de opressão a que estão submetidos, percebemos isso quando ouvimos *Cada um traz consigo sua própria sina*. A própria sociedade e a forma como é estruturada faz com que acreditem que a situação em que estão é intransponível, que muitas vezes acreditam ser a vontade de Deus.

5.4 Sentimento de pertencimento

Outro aspecto que merece atenção é a necessidade de trabalhar o sentimento de pertencimento à universidade, que os educandos do PALPI são membros da UFSJ que devem ocupar os diferentes espaços e eventos que acontecem e que devem se orgulhar de estarem ocupando tal espaço.

Imagens 7 e 8: Participação da Sala Paulo Freire no lançamento de livros do autor Walter Kohan



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Imagens 9 e 10: Participação da Sala Paulo Freire na Sessão comentada no Documentário Vó



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Eu, enquanto estudante da rede pública, nunca imaginei estar na faculdade, tanto que certa vez durante o Ensino Médio, juntamente com alguns colegas de sala viemos fazer um trabalho na biblioteca da UFSJ. Para mim, foi a única vez que lembro de ter entrado na universidade. Antes da graduação, aquele espaço era um local que provavelmente nunca frequentaria. Para mim, era como se fosse um outro mundo. Algum tempo depois, quando entrei na graduação, uma das primeiras coisas que fiz foi comprar a camisa da UFSJ, aquilo simbolizava que fazia daquele local.

Imagina uma pessoa idosa que, talvez, nunca tenha frequentado uma escola, ou por algum motivo teve que abandonar a sala de aula como foi o caso da estudante que foi expulsa da sala pela diretora, sem saber o motivo e nunca mais teve coragem de retornar. A escola em si, já representa um local de difícil retorno, ainda mais diante de inúmeros julgamentos ou de experiências hostis. E a camisa da universidade deixa de ser um uniforme, com o intuito de deixar todos iguais, conforme um padrão como acontece na escola, ela simboliza o pertencimento àquele local. Tanto que o momento de entregas das camisas foi marcado por muita alegria entre a turma.

Imagem 11: Entrega das camisas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Outro aspecto grandioso em relação ao pertencimento à universidade é o próprio estar nela e o quanto interagir com diferentes gerações pode ser enriquecedor e uma oportunidade de novos aprendizados.

Imagens 12 e 13: Participação da Sala Paulo Freire na entrega da Medalha Tancredo de Almeida Neves na Câmara Municipal de São João del-Rei



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Imagem 14: Participação da Sala Paulo Freire na caminhada em defesa da educação pública



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Imagem 15: Participação da Sala Paulo Freire no II JURA (Jornada Universitária pela Reforma Agrária): Aula com Maria Zoronga sobre agroecologia e plantas medicinais



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A faculdade, por algum tempo para muitos deles, representou um local inacessível para eles, e estar na universidade é um ato de coragem, é como disse Todaro (2023) “Aprender, na velhice, é um ato de coragem!”. O que para muitos é algo simples como o estar na lousa, para eles representa uma vitória.

Gente, estou até emocionada com essas fotos. Eu não sei se vocês têm a dimensão da chegada delas na lousa, isso é importante demais. É assim sensacional, é mais um passo de coragem: tem um passo de coragem que é chegar até aqui, tem outro passo de coragem que é continuar vindo e tem o passo de coragem que é sair da cadeira e ir para a lousa. Nossa estou muito feliz hoje, ganhei o meu dia. Obrigada, gente! Obrigada, coletivo! (TODARO, 2023)

Imagens 16 e 17: Educandas na lousa



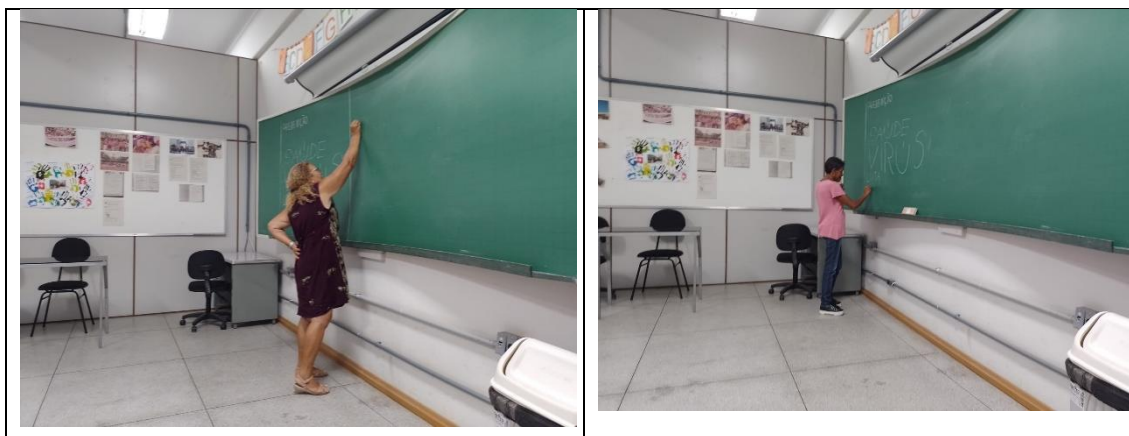
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Imagens 18 e 19: Educandas na lousa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Imagens 20 e 21: Educandas na lousa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Imagens 22 e 23: Educando na lousa e Lousa escrita pelos educandos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

5.4 Esperançar

Eu tiro por mim, com muita força e determinação, eu cheguei onde estou hoje: essa frase dita por uma de nossas estudantes, nos remete ao que Freire (2003) chamou de “esperançar”, que nada se confunde com o verbo esperar, esperançar no sentido de caminhar, de movimentar, de ir à luta.

O adentrar e estar na universidade, para eles, é ir à luta e percebemos que não basta estar fisicamente na universidade, é preciso se envolver, se dedicar, é necessário sair da zona de conforto e descruzar os braços: *A gente planta com fé de que vai nascer algo e Eu ainda vou formar.*

6 BREVES CONSIDERAÇÕES

Esse TCC simboliza o final de uma etapa em minha vida e com ele concluo a minha graduação em Pedagogia, mas não quero pensar nesse momento como o término, como algo que não encontrarei mais, pelo contrário, assumo esse momento como uma oportunidade de compartilhar tudo o que aprendi durante nesses anos como voluntária em um programa de alfabetização com pessoas idosas em novos lugares e com novos educandos. Queria ter a maturidade de dizer que vou seguir adiante, mas os meus sentimentos estão na sala Paulo Freire e em cada uma das minhas educandas e educandos, por isso aproveito o momento para solicitar a minha permanência como voluntária no PALPI.

Imagens 24 e 25: Turma da Sala Paulo Freire e convidados após a apresentação dessa pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A educação com pessoas idosas foi a oportunidade que tive de aprender na prática o que é ser uma educadora, além de ter sido a melhor maneira de viver a minha formação. Não participei de iniciação científica, nem de monitoria, não produzi artigos durante a graduação, mas estar no PALPI foi a minha maneira de sentir o que é ser parte da universidade. Aconselho a todas as educadoras e educadores a passarem por essa experiência durante a graduação, temos que colocar a “mão na massa”, pois a “prática de mergulhar na prática para, nela, iluminar o que nela se dá e o processo em que se dá o que se dá, são, se bem realizados, a melhor maneira de viver a formação permanente.” (FREIRE, 1994, p.74-75)

Aprendi que enquanto educadora também sou educanda, diante do aprendizado nesses anos como voluntária, é como escreveu Freire (1975, p.78) “o educador já não é o

que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos.”

Imagem 26: Momento antes da apresentação dessa pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Apreendi a lidar com conflitos, eles sempre existirão em toda sala de aula, não importa se os estudantes forem crianças, jovens, adultos ou pessoas idosas. Apreendi que estudantes possuem uma vida fora da sala de aula, e isso interfere no processo ensino/aprendizagem, e que, antes de reconhecê-los como estudantes, preciso reconhecê-los enquanto trabalhadores e membros de uma família. A partir desse aprendizado foi possível:

Compreender como se dá essa articulação entre as lutas pelo direito ao trabalho e à educação, à escola. Uma questão central nos currículos de formação de mestres-educadores e educandos. As lutas das famílias trabalhadoras por escola e por educação para seus filhos têm sido inseparáveis de suas lutas por trabalho, por um digno viver. (ARROYO, 2017, p. 47-48)

Durante a graduação, por diversas vezes, me questionei se aquele era o meu lugar, é difícil quando demoramos para descobrir o que nos motiva, o que queremos ser, se é aquilo mesmo que vou querer fazer por toda a vida. Pois, bem, acredito que tudo na vida tem um motivo, tive que passar por outras duas graduações, para perceber que a Pedagogia era sim, o meu lugar. Além desse questionamento, outro também se fez presente, se seria uma boa educadora. Agora, depois de estar desde 2019 no PALPI, acredito que se a minha prática docente for baseada no diálogo, a resposta a esse questionamento será afirmativa.

Aprendi que o diálogo é algo essencial em qualquer área de nossas vidas, seja na alfabetização com pessoas idosas, com crianças, jovens e até mesmo na educação superior. O diálogo acontece no encontro entre pessoas, com humildade, no qual precisamos uns dos outros, que é preciso ter fé e amor aos homens e ao mundo, nada de um amor romântico, mas de um amor de querer o bem, e que nesse diálogo devemos aprender a escutar, porque o diálogo é uma troca, caso contrário estaremos nos impondo como em uma educação bancária. Além disso, o diálogo verdadeiro só acontece em uma relação horizontal, na qual a confiança é construída e que o pensar crítico seja a base. (FREIRE, 1975)

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1975, p.93)

O meu maior aprendizado no PALPI foi a construção do sentimento de querer o bem aos educandos, sentimento esse, construído a cada dia, a cada aula. É como anunciou Freire (2011, p.138), “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no meu cumprimento ético de meu dever de professor, no exercício de minha autoridade.” Ainda mais pela Educação se tratar de uma prática estritamente humana.

O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. É que lido com gente. (FREIRE, 2011, p.141)

E, por lidar com gente que eu seja capaz de ser como Freire:

Ainda hoje, fico maravilhada com a maneira única como os olhos de Paulo brilhavam quando falava e sua maneira profundamente afetuosa. Ele fez as pessoas se sentirem fortes, inteligentes, apreciadas e bonitas. Essa qualidade, tão raramente encontrada em acadêmicos ou intelectuais, tornou-se para mim um exemplo brilhante e uma bússola moral para a minha prática revolucionária no mundo. Paulo fez o gesto de abrir o coração parecer simples e fácil, mas com o tempo, percebi a enorme força e autodeterminação necessárias para uma pessoa, qualquer pessoa, apresentar o amor à humanidade como um modo de vida e ainda manter a coerência e a relevância política para luta pela nossa libertação. (FREIRE, 2021, p. 67)

Na experiência no PALPI, me formei como profissional e como pessoa numa perspectiva humanizadora. Espero que a minha prática docente me transforme em uma educadora capaz de querer o bem aos meus educandos e que eles possam se sentir pessoas

fortes, inteligentes, apreciadas, capazes e bonitas. Espero, também, que esse Trabalho de Conclusão de Curso seja inspirador para estudantes que buscam “ser mais”.

Imagens 27 e 28: Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

7 REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista Teias**: Rio de Janeiro, Ano 4, n. 7-8, p. 1-8, jan./dez. 2003.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite do trabalho para a EJA**: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRANDÃO, Carlos R. **A questão política da educação popular**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 1-3. Disponível em:< <https://alfamadrid.files.wordpress.com/2017/04/a-questao-politica-da-educacao-popular.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. Editora Brasiliense. 2006 Disponível em:< <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/ddea6ca3-6cb9-4c8a-bb0f-db8a90352a70/content>> Acesso em: 06 dez. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPCÃO, Raiane. **Cultura Rebelde**: Escritos sobre a Educação Popular ontem e agora. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4541406/mod_resource/content/0/BRANDAO.pdf> Acesso em: 10 dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília, 2003. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741compilado.htm> Acesso em: 08 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3ª ed., Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1975.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. Olho d'água, 1994, 84p. Disponível em:< <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Professora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf>> Acesso em 07 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um encontro com a Pedagogia do oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz & Terra, 2011.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Testamento da presença de Paulo Freire, o educador do Brasil**: testemunhos e depoimentos. 1ª ed., São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GADOTTI, Moacir. (org.) **Alfabetizar e conscientizar**: 50 anos de Angicos. 1.ed.- São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.

GOLDANI, Ana Maria. Desafios do “preconceito etário” no Brasil. *In: Educ. Soc.*, Campinas, v.31, n. 111, p.411-434, abr.-jun. 2010. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/es/a/PBGcfLysHXVXtcfbrhJjdbF/?format=pdf>> Acesso em: 08 dez. 2023.

GOMES, Irene; BRITO, Vinícius. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. *In: Agência IBGE Notícias*. 2023. Disponível em: <
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos#:~:text=J%C3%A1%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o%20idosas%20com,%2C%20com%2021%2C1%25.>> Acesso em: 08 dez. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Educação. 2022a. Disponível em: <
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102002_informativo.pdf> Acesso em: 10 dez. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **São João del-Rei**. 2022b. Disponível em: <
<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/sao-joao-del-rei.html>>. Acesso em: 08 dez. 2023.

OLIVEIRA, Silvana; JANUÁRIO, Marcus Vinícius da Costa. O turismo em São João del-Rei – Minas Gerais: uma análise preliminar. **Revista de Cultura e Turismo**, Ano 1, n. 1, ed. esp., p. 1-10, out. 2007. Disponível em: <
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3240129.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2023.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 24.1, p. 214-24, 2017.

Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. **Cadernos de Formação: Educação Popular e Direitos Humanos**. Instituto Paulo Freire. São Paulo, 2015. Disponível em: <
https://www.paulofreire.org/images/pdfs/livros/Cadernos_Formacao_Educacao_Popular.pdf> Acesso em: 10 dez. 2023.

TODARO, M. A.; FIRMINO, G. M.. O processo educativo no projeto de alfabetização e letramento para pessoas idosas. **Revista Compartilhar**, v. 4, p. 17-21, 2020.

TODARO, Mônica de Ávila. Carta para Paulo Freire: Angicos em Minas. *In: VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho; BRITO, Regina Pires de. (orgs.). Presença e atualidade do pensamento de Paulo Freire: Vozes brasileiras em diálogo*. São Paulo: LiberArs, 2021, p.159-169.

TODARO, Mônica de Ávila. [**Passo de Coragem**]. WhatsApp: [Coletivo Paulo Freire]. 07 dez. 2023. 21:12. Áudio de WhatsApp.

TODARO, Mônica de Ávila. [**Aprender, na velhice é um ato de amor!**] WhatsApp: [Coletivo Paulo Freire]. 07 dez. 2023. 22:41. Mensagem de WhatsApp.